

# **FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

## **ROTEIRO DE ATIVIDADES – Versão do Professor**

2º ciclo do 1º bimestre da 1ª série

Eixo bimestral: **LITERATURA DE INFORMAÇÃO E TEXTOS JESUÍTICOS / RELATO DE VIAGEM E CRÔNICA**

### **Gerência de Produção**

Luiz Barboza

### **Coordenação Acadêmica**

Gerson Rodrigues

### **Coordenação de Equipe**

Andréia Castro

### **Conteudistas**

Gisele Heffner

Maria de Fátima Costa

**Edição On-Line Revista e Atualizada**

**Rio de Janeiro**

**2014**

## Texto Gerador 1

O *Auto de São Lourenço* é uma peça de teatro escrita pelo padre jesuíta José de Anchieta em 1586. Neste *texto jesuítico*, Anchieta narra como o Anjo da Guarda, São Sebastião e São Lourenço expulsaram os diabos Guaixará, Aimbiré e Saravaia de uma aldeia indígena. O fragmento em seguida constitui uma passagem do segundo ato, que traz um diálogo entre o mártir padroeiro e o diabo Aimbirê.

AIMBIRÊ

Vamos! Deixa-nos a sós,  
e retirai-vos que a nós  
meu povo espera afligido.

SÃO SEBASTIÃO

Que povo?

AIMBIRÊ

Todos os que aqui habitam  
desde épocas mais antigas,  
velhos, moças, raparigas,  
submissos aos que lhes ditam  
nossas palavras amigas.  
Vou contar todos seus vícios,  
Em mim acreditarás?

SÃO SEBASTIÃO

Tu não me convencerás.

AIMBIRÊ

Têm bebida aos desperdícios,  
cauim não lhes faltará.  
De ébrios dão-se ao malefício,  
ferem-se, brigam, sei lá!

SÃO SEBASTIÃO

Ouvem do morubixaba  
censuras em cada taba,  
disso não os livrarás.

AIMBIRÊ

Censura aos índios? Conversa!  
Vem logo o dono da farra,  
convida todos à festa,  
velhos, jovens, moçocaras  
com morubixaba à testa.  
Os jovens que censuravam  
com morubixaba dançam,  
e de comer não se cansam,  
e no cauim se lavam,  
e sobre as moças avançam.

SÃO SEBASTIÃO

Por isso aos aracajás  
vivem vocês frequentando,  
e a todos aprisionando.

AIMBIRÊ

Conosco vivem em paz,

pois se entregam aos desmandos.

**SÃO SEBASTIÃO**

Uns aos outros se pervertem  
convosco colaborando.

**AIMBIRÊ**

Não sei. Vamos trabalhando,  
e aos vícios bem se convertem  
à força do nosso mando.

**GUAIXARÁ**

Eu que te ajude a explicar.  
As velhas, como serpentes,  
injuriam-se entre dentes,  
maldizendo sem cessar.  
As que mais calam consentem.  
Pecam as inconsequentes  
com intrigas bem tecidas,  
preparam negras bebidas  
pra serem belas e ardentes  
no amor na cama e na vida.

**AIMBIRÊ**

E os rapazes cobiçosos,  
perseguinto o mulhierio  
para escravas do gentio...  
Assim invadem fogosos...  
dos brancos o casario.

**GUAIXARÁ**

Esta história não termina  
antes que desponte a lua,  
e a taba se contamina.

**AIMBIRÊ**

E nem sequer raciocinam  
que é o inferno que cultuam.

**SÃO LOURENÇO**

Mas existe a confissão,  
bem remédio para a cura.  
Na comunhão se depura  
da mais funda perdição  
a alma que o bem procura.  
Se depois de arrependidos  
os índios vão confessar  
dizendo: "Quero trilhar  
o caminho dos remidos".  
- o padre os vai abençoar.

**GUAIXARÁ**

Como se nenhum pecado  
tivessem, fazem a falsa  
confissão, e se disfarçam  
dos vícios abençoados,  
e assim viciados passam.

### **Vocabulário**

**Morubixaba:** Cacique ou chefe de tribo  
indígena brasileira;

**Cauim:** Bebida preparada pelos índios com  
mandioca ou milho cozido e, depois,  
fermentado em certa porção de água;

**Aracajá:** Nome popular de um peixe.

## ATIVIDADES DE LEITURA

### QUESTÃO 1:

O *Auto de São Lourenço* foi uma peça teatral escrita pelo padre jesuíta José de Anchieta em 1586. Ela faz parte do conjunto de obras que compõem a origem do teatro brasileiro, mostrando, em sua temática, a visão que o colonizador europeu possuía do nativo indígena à época da chegada dos portugueses ao Brasil.

Levando-se em consideração o contexto sociocultural em que este texto está inserido e a imagem que o autor constrói acerca do índio, podemos afirmar que uma das características desse auto é:

- a) a apresentação da figura do índio como um indivíduo religioso e integrado às mesmas tradições religiosas do povo português.
- b) a caracterização dos costumes do povo nativo como demoníacos e afastados das crenças do colonizador europeu.
- c) a valorização dos costumes e crenças indígenas como forma de enriquecimento da cultura do colonizador.
- d) a divulgação da fé e dos mandamentos religiosos por meio da descrição das belezas naturais da terra.
- e) a preocupação do colonizador português em respeitar as crenças e costumes do povo indígena.

**Habilidade trabalhada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

### **Resposta Comentada:**

É interessante que você tenha em mente a possibilidade de realizar um estudo crítico do período da colonização do Brasil a partir do texto jesuítico Auto de São Lourenço. Esse gênero textual serve à catequese indígena. Tanto esta obra quanto a maior parte das produções do Quinhentismo destina-se à concretização de interesses do colonizador, tais como a tomada da terra, a exploração de riquezas e o domínio do povo.

Assim, é relevante que o aluno note que o contexto sociocultural em que vive o autor o leva a tomar determinados posicionamentos em sua obra. Isso pode ser atestado no Auto de São Lourenço quando o padre jesuíta José de Anchieta vincula as práticas indígenas a pecados, apresentando as personagens dos diabos como “orientadores” dos índios e a personagem do santo católico como salvador. Tais escolhas demonstram que a produção literária da época visava a objetivos políticos portugueses.

Com base nisso, pode-se analisar as opções de resposta. A alternativa “A” se apresenta como uma opção incorreta, pois, no texto em questão, não há menção de qualquer prática do povo indígena condizente com as crenças religiosas do povo português. Muito pelo contrário, o fato de o índio beber, fumar, andar nu, por exemplo, o afasta completamente dos dogmas religiosos cristãos.

Seguindo essa linha de raciocínio, a opção “B” é a correta, já que mostra o afastamento das culturas do português e do índio. Observa-se, ao longo de toda a peça, que o europeu tem uma visão negativa dos costumes do indígena ao apresentar seus hábitos vinculados a: (1) o pecado da gula, como na passagem “e de comer não se cansam”; (2) o consumo de bebida alcoólica, como no fragmento “e no cauim se lavam”; e (3) o desrespeito à moral, no verso “e sobre as moças avançam”.

As alternativas “C” e “E” se aproximam em conteúdo, ao ressaltarem que o português valoriza e respeita a cultura do índio sem denegri-la, o que torna ambas as opções incorretas.

Por fim, a letra “D”, ao registrar que a descrição das belezas naturais da terra e do seu povo serve de pano de fundo para a veiculação da fé e dos mandamentos religiosos, mostra-se totalmente errônea, pois em nenhuma passagem da peça são mencionadas características da natureza do lugar.

## QUESTÃO 2:

O termo gênero literário, geralmente, é empregado para distinguir certos padrões de composição artística. Desse modo, determinadas características relativas à forma propiciam ao leitor reconhecer, antecipadamente, a finalidade e o assunto do texto.

O gênero dramático é composto por textos escritos, em forma de monólogo ou diálogo, para ser encenados. Sendo assim, a história acaba por ser “contada” pelas personagens, dispensando a presença de um narrador. Para evitar confusão, as falas das personagens apresentam indicação prévia de seus nomes. Além disso, o texto dramático também se caracteriza pela divisão em cenas ou em atos e pelo emprego de recursos como a linguagem gestual, cenários e a sonoplastia.

Sabendo que o Auto de São Lourenço pertence ao gênero dramático, retire passagens do texto que exemplifiquem algumas das características apresentadas acima.

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

### Resposta Comentada:

Para desenvolver esta questão, seus alunos precisam compreender as diferentes formas assumidas pelo texto literário e o conhecimento dos critérios que permitem organizá-las nos três gêneros clássicos: o épico, o lírico e o dramático.

O gênero dramático é, essencialmente, composto por textos escritos para serem representados. Por isso, a sua organização formal está intimamente ligada aos elementos da linguagem teatral.

Podemos perceber algumas características do gênero dramático presentes no Auto de São Lourenço, como o emprego do discurso direto (as falas das personagens) e a presença dos nomes das personagens antecedendo as suas falas (Aimbirê, Guaixará, São Lourenço e São Sebastião).

Vale salientar que o texto dramático serviu como um dos mais importantes recursos pedagógicos utilizados pelos missionários jesuítas. A representação cênica promovia, mais facilmente, o entendimento, por parte dos índios, de vários conceitos abstratos relacionados à fé e à moral cristã.

### Texto Complementar 1:

A letra da música “Índios” aborda temas como a conquista do Novo Mundo e o processo de dominação dos nativos que viviam nas terras recém-descobertas. O texto denuncia a ambição europeia, já que se exploravam as riquezas minerais da nova terra em troca de objetos sem valor (escambo), e a catequização dos índios, uma vez que o catolicismo foi imposto – por vezes, com violência –, ignorando-se as crenças dos nativos.

**“ÍNDIOS”** ([Legião Urbana](#))

Quem me dera ao menos uma vez  
Ter de volta todo o ouro que entreguei a  
quem  
Conseguiu me convencer que era prova  
de amizade  
Se alguém levasse embora até o que eu  
não tinha.

Quem me dera ao menos uma vez  
Esquecer que acreditei que era por  
brincadeira  
Que se cortava sempre um pano de chão  
De linho nobre e pura seda.

Quem me dera ao menos uma vez  
Explicar o que ninguém consegue  
entender  
Que o que aconteceu ainda está por vir  
E o futuro não é mais como era  
antigamente.

Quem me dera ao menos uma vez  
Provar que quem tem mais do que  
precisa ter  
Quase sempre se convence que não tem  
o bastante  
Fala demais por não ter nada a dizer.

Quem me dera ao menos uma vez  
Que o mais simples fosse visto  
Como o mais importante  
Mas nos deram espelhos e vimos um  
mundo doente.

Quem me dera ao menos uma vez  
Entender como um só Deus ao mesmo  
tempo é três  
E esse mesmo Deus foi morto por vocês  
É só maldade, então, deixar um Deus  
tão triste.

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho  
Entenda

Assim pude trazer você de volta pra  
mim  
Quando descobri que é sempre só você  
Que me entende do início ao fim.

E é só você que tem a cura pro meu  
vício  
De insistir nessa saudade que eu sinto  
De tudo que eu ainda não vi.

Quem me dera ao menos uma vez  
Acreditar por um instante em tudo que  
existe  
E acreditar que o mundo é perfeito  
E que todas as pessoas são felizes.

Quem me dera ao menos uma vez  
Fazer com que o mundo saiba que seu  
nome  
Está em tudo e mesmo assim  
Ninguém lhe diz ao menos, obrigado.

Quem me dera ao menos uma vez  
Como a mais bela tribo  
Dos mais belos índios  
Não ser atacado por ser inocente.

Eu quis o perigo e até sangrei sozinho  
Entenda  
Assim pude trazer você de volta pra  
mim  
Quando descobri que é sempre só você  
Que me entende do início ao fim.

E é só você que tem a cura pro meu  
vício  
De insistir nessa saudade que eu sinto  
De tudo que eu ainda não vi.

Nos deram espelhos e vimos um mundo  
doente  
Tentei chorar e não consegui.



## ATIVIDADES DE LEITURA

### QUESTÃO 3:

Na questão 1, analisamos a opinião do europeu sobre a cultura indígena. A letra da música “Índios” apresenta um ponto de vista diferente: a visão dos índios sobre o comportamento dos europeus. Levando em consideração essa mudança, responda:

- a) Quanto ao aspecto econômico, como são caracterizados os portugueses e os índios. Comprove com fragmentos do texto.
- b) Quanto ao aspecto religioso, analise a diferença entre a visão do indígena presente na letra da música e a criada por Anchieta no texto gerador 1.

**Habilidade trabalhada:** Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

#### Resposta comentada:

Antes de iniciar esta atividade, seria interessante acompanhar a música com os alunos. No link: [http://www.youtube.com/watch?v=\\_AozyxoLvvg&feature=player\\_embedded#!](http://www.youtube.com/watch?v=_AozyxoLvvg&feature=player_embedded#!), há uma versão editada e com animações de “Índios”.

Na letra (A), é importante que o aluno recupere no texto a relação de exploração econômica existente entre europeus e nativos: exploradores X explorados. Já nos versos iniciais, reconstrói-se essa concepção do indígena como um povo enganado pelos europeus: “Ter de volta todo ouro que entreguei / A quem conseguiu me convencer / Que era prova de amizade / Se alguém levasse embora até o que eu não tinha”. Outros trechos evidenciam a visão inocente do povo nativo em relação aos seus exploradores: “Como a mais bela tribo, dos mais belos índios / Não ser atacado, por ser inocente”.

A caracterização dos portugueses como (1) exploradores insaciáveis e (2) culpados por transformar os nativos em gananciosos pode ser recuperada nos seguintes versos: (1) “Provar que quem tem mais do que precisa ter / Quase sempre se convence

que não tem o bastante”; e (2) “Mas nos deram espelhos / E vimos um mundo doente”. É interessante destacar para o aluno que o vocábulo “espelho”, presente no último exemplo, faz referência à atividade econômica praticada pelos europeus na época da colonização: o escambo de objetos de pouco valor entre os portugueses – como espelhos, escovas e talheres – por exploração da mão de obra indígena.

Na letra (B), o aluno deve ser estimulado a estender a comparação ao aspecto religioso. Como se viu na questão 1, no Auto de São Lourenço, Anchieta denuncia a visão negativa que os europeus possuíam dos costumes indígenas, associando os hábitos dos nativos a personagens demoníacos. A letra da música, por sua vez, não só apresenta a crença indígena – “Quem me dera, ao menos uma vez, / Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três” –, como também denuncia o desrespeito dos portugueses, já que, por não designarem Deus ou por não seguirem rituais de forma idêntica à portuguesa, o indígena deveria ser “salvo” com a morte de sua crença – “E esse mesmo Deus foi morto por vocês / E só maldade então, deixar um Deus tão triste”.

Para estimular ainda mais a reflexão do aluno sobre a diferença da concepção indígena e portuguesa sobre aspectos econômicos e religiosos, vale comparar o modo como os portugueses são caracterizados na “Carta de Achamento do Brasil”, presente no 1º ciclo deste bimestre, e na letra da música. Dessa forma, poderão observar como os colonizadores passam de salvadores a exploradores desrespeitosos.

#### QUESTÃO 4:

De acordo com a estrutura e o tema de um texto, temos um gênero literário diferente, como mostra o quadro abaixo:

<b>Função da linguagem predominante</b>	<b>Pronomes e verbos em</b>	<b>Características principais</b>
<b>Gênero lírico</b>		
Emotiva	1ª. Pessoa	Intimismo; Subjetividade; Musicalidade

Gênero épico/narrativo		
Referencial	1ª. ou 3ª. Pessoa	Elementos históricos; Personagens; Herói; Enredo; Marcas de tempo e espaço.
Gênero dramático		
Conativa	Discurso direto	Encenação; Personagens; Enredo; Marcas de tempo e espaço.

Agora, responda:

- A música “Índios” se aproxima mais de qual gênero literário: lírico, épico ou dramático?
- A partir das características temáticas e estruturais apresentadas no quadro, selecione algumas passagens do texto que representam o gênero literário identificado na letra a.

**Habilidade trabalhada** Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).

**Resposta Comentada:**

Para dar início a esta questão, é interessante que você analise o quadro com os alunos, cuidadosamente. Para isso, você pode adotar as sugestões de como trabalhar a habilidade de **reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos**, fornecidas na seção *Como Ensinar?* das Orientações Pedagógicas. Depois disso, a turma poderá identificar como resposta da letra a, o gênero lírico, pois observará que a letra da música apresenta as angústias e os questionamentos do seu ator, ou seja, a subjetividade de quem escreveu o texto. Além disso, estruturalmente, notará que, além do predomínio de pronomes e verbos em primeira pessoa, há a exploração da musicalidade das palavras por meio da rima entre os versos da canção.

Para a letra *b*, o aluno pode escolher diversas passagens que apresentam características do gênero, como as que seguem:

“**Eu quis** o perigo e até sangrei sozinho” e “Quando **descobri** que é sempre só você / Que **me** entende do início ao fim” – para evidenciar a subjetividade do autor expressa gramaticalmente por meio do uso de verbos e pronomes em primeira pessoa; “Quem me dera ao menos uma **vez** / Entender como um só Deus ao mesmo tempo é **três**” – para evidenciar a musicalidade das palavras por meio da rima.

Por fim, é proveitoso que, de acordo com os versos que forem apresentados pelo discente como resposta, você leve a turma a perceber a mensagem que o autor quis transmitir por meio da letra da música.

## ATIVIDADES DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 5:

Ao elaborar um texto, seu autor pode enfatizar qualquer um dos elementos da comunicação que considerar conveniente para a transmissão de sua mensagem. Dependendo do elemento focalizado, notamos o predomínio de uma função da linguagem diferente.

Com base nessas informações, observe o verso seguinte:

*“Quem me dera ao menos uma vez”*

E responda:

- A maior parte das estrofes se inicia com este verso. Qual função da linguagem predomina nesta passagem e em praticamente todo o texto?
- Quais são as características dessa função?

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

**Resposta Comentada:**

Antes de iniciar esta questão, é válido que você retome o assunto Teoria da Comunicação, já trabalhado no primeiro ciclo deste bimestre. É importante que dois pontos dessa matéria sejam lembrados: (i) os elementos da comunicação (emissor, receptor, mensagem, código, canal e referente); e (ii) o fato de que, conforme a intenção comunicativa do emissor, qualquer um desses elementos pode ser enfatizado, podendo se observar, assim, diferentes funções da linguagem em uma mesma mensagem.

Com o propósito de responder à letra a, é válido que você debata com seus alunos, inicialmente, o que eles entenderam da música e informe-lhes do problema pelo qual o autor passava quando escreveu esta letra. Renato Russo acabava de se recuperar de uma tentativa de suicídio na qual havia cortado os pulsos sem um motivo aparente. Como o músico estava depressivo, fez um “balanço” de toda a vida, expressando tudo o que ele sentia em relação ao mundo naquele momento. A partir dessa discussão, o aluno compreenderá melhor o verso “Quem me dera o menos uma vez”, notando que o emissor da mensagem é o foco do enunciado e, conseqüentemente, não só neste verso, mas em todo o texto, a função da linguagem predominante é a emotiva.

Para caracterizar, então, a função emotiva na letra b, os seguintes traços do texto podem ser elencados como resposta: expressão da subjetividade do emissor e uso de verbos e pronomes em primeira pessoa, como nos versos “Eu quis o perigo e até sangrei sozinho/ Entenda/ Assim pude trazer você de volta pra mim”.

## QUESTÃO 6:

Você notou, por meio da questão anterior, que, ao longo da música “Índios”, predominou uma função da linguagem. Mas é frequente que mais de uma função esteja presente em um mesmo texto.

Este texto complementar apresenta também a função poética, que é caracterizada pela preocupação do autor com a elaboração estrutural do texto. Algumas características dessa função são as seguintes: uso de figuras de linguagem (metáfora, antítese, hipérbole, aliteração etc); valorização da combinação das palavras; exploração do eu-lírico.

A partir das características fornecidas, identifique duas passagens no texto que caracterizem a função poética.

**Habilidade trabalhada:** Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

### Resposta Comentada:

Dando continuidade à identificação das funções da linguagem e conscientizando o aluno da possibilidade de coexistência de mais de uma função em um mesmo texto, a questão 6 prioriza a função poética. Tendo em vista as características apresentadas no enunciado, algumas das passagens que podem vir a ser selecionadas pelos alunos são as seguintes:

“Quem me dera ao menos uma vez /Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três”, em que se pode notar a rima entre as palavras “vez” / “três”;

“Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”, em que se pode observar a presença de uma metáfora, construída a partir do uso da palavra “espelho” e da expressão “mundo doente”;

“E o futuro não é mais como era antigamente.”, em que se pode assinalar a presença de uma antítese, construída a partir do uso de termos com significado opostos “futuro” X “antigamente”.

“Eu quis o perigo e até sangrei sozinho”, em que se pode verificar a exploração do eu-lírico, a partir da apresentação dos pensamentos e angústias do autor.

Ressalta-se que esta questão pode apresentar vários outros versos como resposta, já que, em praticamente todos, é evidente a exposição de sentimentos e reflexões pessoais, daí a exploração do eu-lírico. Portanto, o importante não é limitar as respostas trazidas pela turma, mas sim ampliá-las, mostrando que, em um mesmo verso, mais de uma função da linguagem pode ser evidenciada.

### **QUESTÃO 7:**

A língua portuguesa, ao ser falada por todo nosso Brasil, toma várias formas, com diferentes sotaques e estilos. Essas variações podem ser associadas a fatores históricos, sociais e regionais, manifestando-se na pronúncia, no vocabulário, na estrutura das palavras e na organização das frases.

A língua tende a ser bem mais conservadora na escrita do que na fala, que acaba se renovando mais rapidamente do que a forma como se escreve. Considerando essas informações, ouça a música mais uma vez. Acompanhando a letra com atenção, identifique quais palavras apresentam diferenças entre a fala e a escrita.

**Habilidade trabalhada:** Identificar fenômenos de variação linguística.

### **Resposta Comentada:**

Antes do desenvolvimento da questão, seria interessante que você destacasse para seus alunos que a heterogeneidade é uma das características principais da língua

portuguesa. Essa variação está relacionada a vários fatores, como classe social, idade, sexo, escolaridade e contexto comunicativo. No entanto, apesar de toda essa diversidade, as modificações gramaticais e ortográficas são bem mais lentas do que as transformações apresentadas na fala.

Apesar de sua maior rigidez, a escrita também pode variar de acordo com o grau de formalidade determinado pelas condições de produção e pelo gênero textual escolhido. Alguns gêneros são prototipicamente mais próximos da norma culta, como o texto acadêmico ou artigo científico, enquanto outros podem ser mais livres, adotando uma linguagem mais próxima da oralidade, tais como email, bilhete etc. Nesse sentido, para o trabalho com a fala e com a escrita, é necessário considerar um contínuo dos gêneros textuais, evitando, dicotomias extremas entre as duas modalidades.

Ao ouvir a música, comparando-a com a letra, o grupo poderá perceber que várias palavras têm a sua pronúncia alterada, segundo a variante linguística do cantor, mas são escritas de acordo com o padrão da língua portuguesa, existindo, assim, certo distanciamento entre a língua escrita e a língua falada. A escrita, então, não é mera transcrição ou reprodução da fala, possuindo regras próprias para a sua realização.

São vários os fenômenos de variação de natureza fonético-fonológica observáveis na canção “Índios”, do Legião Urbana. Considerando a complexidade do assunto, uma possibilidade, para fins didáticos, é classificar as variações em três casos: supressão (ou queda), inserção (ou acréscimo) e alternância (ou troca).

Exemplos de supressão de segmentos:

- Apagamento do R final nos infinitivos verbais, como em esquecer, explicar, acreditar e entender.
- Monotongação em ouro – “oro” e em brincadeira – “brincadera”.

Exemplos de inserção de segmentos:

- Ditongação nos vocábulos quem – que[j]m, alguém – algue[j]m, vez –ve [j]z e três – tre[j]s, etc.



Exemplos de alternância ou troca:

- Abaixamento das vogais em entreguei – [i]ntreguei, mundo – mund[u], belos – bel[u] s, tudo – tud[u], etc.
- Palatalização da consoante oclusiva [t] diante de [i] em doente – d[u]entš[i], bastante – bastantš[i], etc.

Cabe ainda ressaltar que a consolidação da consciência das diferenças entre a fala e a escrita poderá ajudar os alunos a integrar na sua própria produção a especificidade de cada uma dessas formas de expressão.

### QUESTÃO 8:

Tanto o texto gerador 1 como o complementar apresentam, sob visões diferentes, as ações constituintes de um movimento europeu reacionário à Reforma protestante:

**Na Contra-reforma, a sociedade européia envia um grupo de missionários que pára o avanço do protestantismo e do paganismo entre os nativos das terras do Novo Mundo.**

Identifique, na explicação presente no quadro, as palavras que não estão grafadas de acordo com a Nova Ortografia e reescreva-as adequadamente.

**Habilidade trabalhada:** Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo.

### Resposta comentada:

Esta atividade objetiva apresentar alguns exemplos de mudanças na grafia de palavras, segundo o Novo Acordo Ortográfico: uso do hífen, acentuação de ditongos

abertos em paroxítonas e supressão de alguns acentos diferenciais. É importante você relembrar com a turma a classificação das palavras quanto à tonicidade, a fim de se certificar de que os alunos reconheçam uma palavra paroxítona. A partir disso, será possível focalizar as seguintes palavras do quadro: “contra-reforma”, “européia” e “para”.

Segundo o Novo Acordo Ortográfico<sup>1</sup> (Base XI – 3º), não são mais acentuados os ditongos representados por *ei* e *oi* da sílaba tônica das palavras paroxítonas. Dessa forma, o vocábulo “européia” perde seu acento. Você pode acrescentar que a supressão desse acento se relaciona à pronúncia mais fechada de ditongos abertos em alguns países que utilizam a língua portuguesa.

Outra alteração prevista pela reforma ortográfica diz respeito ao uso do hífen. O Novo Acordo (Base XVI – 2º (a)) prevê que não se emprega mais o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por *r* ou *s*. Nesses casos, deve-se duplicar a consoante. Portanto, a grafia de “Contra-reforma” passa a ser “Contrarreforma”.

O uso de alguns acentos diferenciais também foi modificado pelo Novo Acordo (Base IX – 9º), que estabelece não serem mais acentuadas as homógrafas “para”, flexão de parar, e “para”, preposição. Dessa forma, o verbo “para”, presente no quadro, perdeu seu acento diferencial. Vale acrescentar para a turma que, por exemplo, os acentos distintivos de pessoas gramaticais (como em *tem* / *têm*) e de tempos verbais (como no único exemplo *pode* / *pôde*) permaneceram.

Para ampliar ainda mais os esclarecimentos acerca das mudanças propostas pelo Novo Acordo, é interessante mencionar a supressão completa do trema em palavras portuguesas ou aportuguesadas. O novo texto ortográfico restringe sua utilização apenas a palavras derivadas de nomes estrangeiros com trema (*mülleriano*, de *Müller*, por exemplo).

## Texto Gerador 2

O texto gerador a seguir é uma crônica, de Lima Barreto. Ela foi publicada originalmente em 19 de janeiro de 1915, no jornal *Correio da Noite*, e, mais tarde, no volume XI de suas obras completas, sob o título de *Vida Urbana*. A crônica foi um gênero discursivo muito utilizado pelo autor para propagar suas ideias a um público leitor mais extenso. Em *As enchentes*, o escritor apresenta um quadro enfrentado pelos cariocas do passado, porém ainda muito atual.

### AS ENCHENTES (Lima Barreto)

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas.

Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis.

De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos.

Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolúvel tão simples problema.

O Rio de Janeiro, da avenida, dos *squares*, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha!

Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.

*Vida urbana*, 19-1-1915

## ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 9:

Alguns fatores externos ao texto determinam a construção de seu sentido como os papéis que os interlocutores assumem na interação. Em nosso cotidiano, nos comunicamos de forma diferenciada quando assumimos o papel de aluno, de um colega de classe ou de um líder de um time.

Em *As enchentes*, podemos recuperar que o autor destina sua mensagem:

- a) Ao Prefeito Passos, que não solucionou o problema das enchentes no Rio.
- b) Aos engenheiros municipais, que adiam a solução de um problema fácil de resolver.
- c) Aos entendidos de engenharia, que conhecem a solução do problema, mas não agem para que ela seja posta em prática.
- d) Aos moradores do Rio, que, como ele, sofrem com as inundações, mas não dão a devida atenção ao problema.
- e) À Câmara de Vereadores, que não cria leis que estabeleçam punição aos responsáveis pelos desastres causados pelas inundações.

**Habilidade trabalhada:** Identificar os processos de interlocução: texto e discurso.

### Resposta comentada:

É interessante, nesta atividade, fazer os alunos refletirem sobre a informação presente no enunciado. A turma deve ser estimulada a perceber que sempre assumimos papéis sociais no momento da interação, e que tais papéis acabam por condicionar, de certa forma, o que é e o que não é adequado dizer.

Outro importante aspecto que pode ser trabalhado na questão é a característica de todo texto ser produzido por um emissor a um destinatário, ambos projetados em determinado papel social.

O destinatário desta crônica não está presente no momento da interação. Nesse caso, ele assume um papel social que o emissor acredita que ele ocupe. No texto, é possível recuperar marcas linguísticas dessa crença – “nosso Rio de Janeiro” (1º parágrafo); “nossa engenharia municipal” (3º parágrafo); “nos preocupamos muito com os aspectos externos” (parágrafo 10).

É importante que os alunos diferenciem o destinatário do assunto. Ao mencionar o Prefeito Passos, os engenheiros municipais e os entendidos de engenharia, o emissor está falando deles e não com eles, o que invalida as alternativas (A), (B), (C) e (E). Além disso, na crônica, não há menção à Câmara de Vereadores, o que invalida, também, a alternativa (E).

As marcas pronominais e verbais de 1ª pessoa do plural projetam, portanto, destinatários que pertencem ao mesmo grupo do emissor: moradores do Rio de Janeiro, que sofrem com o problema das inundações. Nesse aspecto, a única alternativa correta é a (D).

### TEXTO GERADOR 3:

O texto gerador a seguir é uma crônica produzida por um bancário aposentado, Amaro Roberto de Araújo Lessa. Ele e seus outros amigos aposentados publicaram um livro, chamado *Tempo de Sobra*, para celebrar o ócio. É, portanto, um ótimo exemplo de como o literário pode surgir da impressão de pessoas comuns sobre os fatos cotidianos.

#### 1 AMOR DE MÃE (Amaro Lessa)

Tia Maria era a mais velha entre as irmãs. A mais viajada também. Várias vezes voltou à santa terrinha a passeio, juntamente com o tio Antonio, um português pão-duro que doía, mas, era mestre em fazer a alegria da criançada. Muito brincalhão, no mar da

Póvoa de Varzim, em Portugal, gritava pra que todos ouvissem: -Maria, só vejo areia / E tu, minha “sireia”? Ela ficava uma fera! Tia Maria Laura era meio esquentada. Mas, na família havia uma irmã que a superava nesse quesito.

Certa vez, ela e minha mãe, Maria Adelaide, tiveram que ir a Caxambu para resolver uma questão cartorária. Ficaram lá dois dias. Após solucionarem o problema, tia Maria, passeadora como ela só, queria ficar um pouco mais naquela acolhedora cidade mineira, porém, minha mãe queria voltar para casa, correndo. Deu briga!

Dona Maria Adelaide, mandona, portuguesa daquele tipo “a mim ninguém ‘governa’!”, fez prevalecer sua vontade. Durante a viagem de volta, só se falaram quando já estavam chegando ao Rio de Janeiro. Minha mãe, preocupada com a divisão dos “presentinhos”, perguntou: -Maria, a quem tu vais dar o queijo Minas? De pronto, ouviu a seguinte resposta: - Cuida da tua ‘bida’ que da minha cuido “eui”! Ela estava, mesmo, na bronca.

Fui pegá-las na rodoviária. A todo momento, chegavam ônibus de tudo quanto era lugar. Em grande expectativa, o povão recepcionista não podia adentrar na área de desembarque e se amontoava atrás de uma grade limitadora. Havia muita gente naquela área de espera. Não demorou muito para o Caxambu-Rio estacionar poucos metros a nossa frente. Quando finalmente avistei as duas velhinhas, obtive autorização para ir ajudá-las. A cena que ocorreu foi hilariante: Após o beija-mão, para não me atrapalhar com a bagagem entreguei a “capanga” aos cuidados da tia Maria, e segurei as alças das duas malas que minha mãe já tinha em seu poder:

-Larga, mãe!, pedi;

-Não! Você está doido?!

-Larga, mãe!, ordenei puxando;

-Larga você!, retrucou ela puxando também; e arrematou:

-Você não pode pegar este peso!

Depois daquela me senti um fracote. Minha mãe, com pouco mais de um metro e meio de altura, já passada dos oitenta anos, sentia-se mais forte que eu. E a galera, bem ali a nossa frente, assistia àquela inacreditável cena.

Minha paciência terminou depois desses puxa pra cá, puxa pra lá. Exasperado, gritei: - Larga esta p\*\$%#!

Aí ela largou. “Pau da vida”, e meio envergonhado com aquela superproteção pública, fui me adiantando com as duas malas em direção ao estacionamento.

Atrás de mim, a ladainha continuava: - Isto é muito peso pra você, meu filho! Apesar daquela insistência, pensei que o clima estivesse controlado. Qual nada! Minha mãe virou-se para a tia Maria e determinou: - Me dá a bolsa dele!

Tia Maria respondeu com firmeza: - Ele “ma” deu pra segurar!

Minha mãe retrucou: - Mas ele é meu filho!

Vendo aquela discussão, parei e ponderei com veemência:

- Vocês vão brigar por causa da bolsa?

Aí a tia Maria lançou a capanga na direção da minha mãe que, então, sossegou o facho. Até chegarem a casa ficaram de bico, sem se falar.

Atualmente, dona Maria Adelaide vai fazer 92 anos e dona Maria Laura já está lá no andar de cima, em companhia de São Pedro, aguardando a hora da minha mãe também subir para, finalmente, acertarem as contas.

## ATIVIDADE DE LEITURA

### QUESTÃO 10:

Os textos geradores 3 e 4 pertencem ao gênero textual crônica, que consiste, em linhas gerais, no registro de fatos do cotidiano apresentados a partir do olhar do autor. O texto gerador 3 (*As enchentes*) é uma crônica jornalística e o texto gerador 4 (*Amor de mãe*) é uma crônica literária.

Agora, releia as duas crônicas e responda:

- a) Você pode notar que o tema do texto gerador 3 são as enchentes que ocorrem no Rio de Janeiro no período do verão e o do texto gerador 4 é o relacionamento entre uma mãe superprotetora e seu filho. Pensando nas diferenças entre esses temas, qual leitor poderia se interessar pela crônica jornalística? E pela crônica literária?
- b) Quais diferenças estruturais podem ser percebidas entre essas crônicas?

**Habilidade trabalhada:** Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.

### Resposta Comentada:

Atentando para o questionamento da letra a, pelo fato de serem crônicas, pode-se notar que ambos os textos relatam fatos do cotidiano sob a perspectiva singular de seus escritores. No entanto, há certas diferenças em relação ao fato gerador, à temática que os motivou.

Pode-se dizer que o leitor da crônica jornalística se interessa por textos que apresentem uma reflexão político-social acerca dos acontecimentos da cidade. Já o leitor

da crônica literária se interessa por textos que apresentam uma reflexão do autor sobre questões ou acontecimentos de sua vida pessoal.

Ao identificar os leitores que se interessariam por cada tipo de crônica, o aluno poderá reconhecer a principal diferença entre a crônica jornalística e a literária. Na crônica jornalística, o autor apresenta problemas relacionados ao modo de vida urbano, acontecimentos do dia a dia nas grandes cidades que geram interesse público, como no caso do texto *As enchentes*. Já na crônica literária, a temática não é tão vinculada a assuntos relevantes ao bom funcionamento de uma cidade. *Amor de mãe* visa mais ao entretenimento do que à crítica e focaliza a vida particular do autor e não a sociedade a que ele pertence, como na primeira crônica.

Em relação à letra b, que diz respeito à estrutura, inicialmente, pode-se apresentar aos alunos algumas características comuns à crônica, explicitadas na seção *Como ensinar?* das *Orientações Pedagógicas*.

É válido ressaltar que a diferenciação entre crônica jornalística e crônica literária se assemelha à distinção feita, no primeiro ciclo, entre texto literário e não literário. No caso em tela, *As Enchentes* se aproxima do texto não literário, por apresentar informações de forma objetiva, ao passo que “*Amor de mãe*” está mais próxima ao texto literário por possuir uma construção ficcional e subjetiva.

Pode-se notar, ainda, que a crônica jornalística, com a finalidade de realizar uma análise mais crítica da realidade, visando a persuadir seu “leitor cidadão”, apresenta uma linguagem mais formal, com vocabulário rico, e um texto de cunho argumentativo, com o propósito de sustentar o ponto de vista do autor. Por isso, em *As Enchentes*, observa-se forte presença de adjetivos e de estruturas com os verbos modais “dever” e “poder”, que demonstram o juízo de valor do autor acerca do fato em questão. Trata-se de uma crônica-comentário.

A crônica literária, mesmo com uma linguagem também formal, principalmente por parte do narrador, possui certa tendência à coloquialidade, devido à presença de diálogos, e seus personagens, que são pessoas comuns, são apresentados sem aprofundamento psicológico. Essas características podem ser observadas em *Amor de*



mãe, que é uma crônica-conto<sup>2</sup>. Pode-se observar também a exploração do sentido conotativo das palavras, como nas expressões “ficar de bico” e “lá no andar de cima”, e presença de uma pontuação expressiva, já que se observa o uso exacerbado de exclamativas.

## ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

### QUESTÃO 11:

A crônica é um gênero textual desenvolvido, geralmente, a partir de acontecimentos da atualidade, contudo, sempre permeado pelo ponto de vista de seu autor. Este gênero possui uma classificação própria de acordo com o assunto ou com a sua estrutura.

Como vimos na questão 10, dentre as várias classificações, temos a crônica jornalística e a literária. A jornalística é, essencialmente, uma releitura dos fatos noticiados. Deste modo, neste tipo de crônica, geralmente, é possível recuperar as questões básicas presentes na notícia: o quê, quem, quando, onde e por quê.

Já a literária se vale de episódios cotidianos como inspiração para relatos poéticos. Esse tipo de crônica fundamenta-se nas emoções e nas experiências pessoais de quem escreve, podendo ser puramente fictícia.

Agora, você deve produzir uma crônica jornalística ou literária, tendo como ponto de partida notícia abaixo:

#### **Prefeitura declara guerra contra o xixi no Carnaval**

Ruas que recebem blocos terão 13.000 sanitários químicos para os foliões

A cada ano, o Carnaval de rua do Rio de Janeiro bate um novo recorde de participação de foliões, número de blocos e em variedade de temas. Um dos efeitos colaterais indesejáveis da folia, principalmente para quem passa pelos locais de desfile na manhã

seguinte, é o mau cheiro. Para amenizar o problema, a Riotur, responsável pela organização do Carnaval da cidade, prepara uma operação que envolve 13.000 sanitários químicos.

A outra parte da ação contra o xixi é a repressão. Como no ano passado, a orientação é de “tolerância zero” com aqueles que, em vez do banheiro, optarem pela calçada para se aliviar. “Quem for apanhado urinando na rua será levado para a delegacia mais próxima”, avisa o Secretário Especial da Ordem Pública do município, Alex Costa.

A repressão parte do pressuposto de que, com a quantidade de sanitários químicos deste ano – mais que o triplo do ano passado – não há razão para fazer de conta que não viu os banheiros. Desta vez, os sanitários serão cercados por grades de metal e serão vigiados por seguranças de uma empresa particular, que irão ordenar as filas para evitar confusão. O sistema foi testado e aprovado pela Riotur na tarde do último domingo, no desfile do bloco Acadêmicos do Vidigal. O evento que reuniu cerca de 12.000 pessoas na Avenida Delfim Moreira, na Praia do Leblon.

A vigilância servirá para organizar as filas, mas também para evitar outro tipo de desrespeito: nas últimas folias, era comum alguns foliões optarem por fazer xixi ao lado ou atrás das cabines. Para não ficar só na prevenção e na repressão, uma banda com uma marchinha “contra o xixi” também vai percorrer as ruas.

Fonte: <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/prefeitura-do-rio-declara-guerra-contra-o-xixi-no-carnaval-de-rua>.

**Habilidade trabalhada:** Produzir uma crônica a partir de notícia de jornal, editando-a, sob a orientação do professor, para publicação em jornal mural ou blog informativo produzido pela turma.

### **Resposta Comentada:**

Antes de iniciar a atividade de produção textual, você pode retomar, com seus alunos, as principais características composicionais, temáticas e estilísticas do gênero, já abordadas, anteriormente, ao longo deste roteiro de atividades.

Em seguida, você pode propor ao grupo uma leitura detalhada da notícia, que servirá de mote para a crônica. Deste modo, seus alunos deverão responder, com base no texto, as questões básicas presentes na notícia: Quais são os fatos relatados? Quais são as personagens envolvidas? Onde e quando acontecem os fatos? Isso pode ser útil para delimitação do tema.

Se a intenção for produzir uma crônica jornalística, oriente seu aluno a relatar o acontecido, mas procurando, sempre, ir além dos fatos. O texto deverá revelar, também, a visão pessoal do autor, que poderá narrar o evento com sensibilidade ou, se preferir, com ironia e humor. Para a construção desses efeitos, é importante que o aluno esteja atento a escolha vocabular e ao adequado emprego da pontuação.

Caso a opção seja a crônica literária, o texto produzido poderá ser ainda mais subjetivo, priorizando uma reflexão aprofundada do tema. A linguagem empregada, neste caso, tende a ser mais poética e o autor conta com uma maior liberdade de criação. Convém lembrar que este tipo de crônica “organiza-se como uma *narrativa* construída de modo a apresentar um conflito de base e um desfecho”<sup>1</sup>. Então, você pode sugerir aos seus alunos que eles criem, por exemplo, uma tensão entre as personagens ou “um desfecho inesperado para a crônica, com o intuito de instigar a reflexão e de despertar sentimentos nos leitores”.<sup>2</sup>

Na etapa final, é importante que você verifique se os textos produzidos estão de acordo com o tema proposto, se apresentam as características básicas da crônica e se a linguagem é adequada ao gênero e ao contexto. Caso contrário, indique aos seus alunos quais pontos devem ser revistos, orientando a sua reescritura. Após todos esses procedimentos, as crônicas escritas pelos alunos estarão prontas para ser expostas em mural ou publicadas no blog informativo produzido pela turma.

---

1 TORQUATO, Cloris Porto. *Nos caminhos de todos os dias, uma outra paisagem*. In: *Olimpíada de Língua Portuguesa escrevendo o futuro: O que nos dizem os textos dos alunos?* CENPEC e Fundação Itaú Social, 2011.

[http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf/images/stories/publico/material/2011\\_oquenosedizem.pdf](http://escrevendo.cenpec.org.br/ecf/images/stories/publico/material/2011_oquenosedizem.pdf)

2 idem